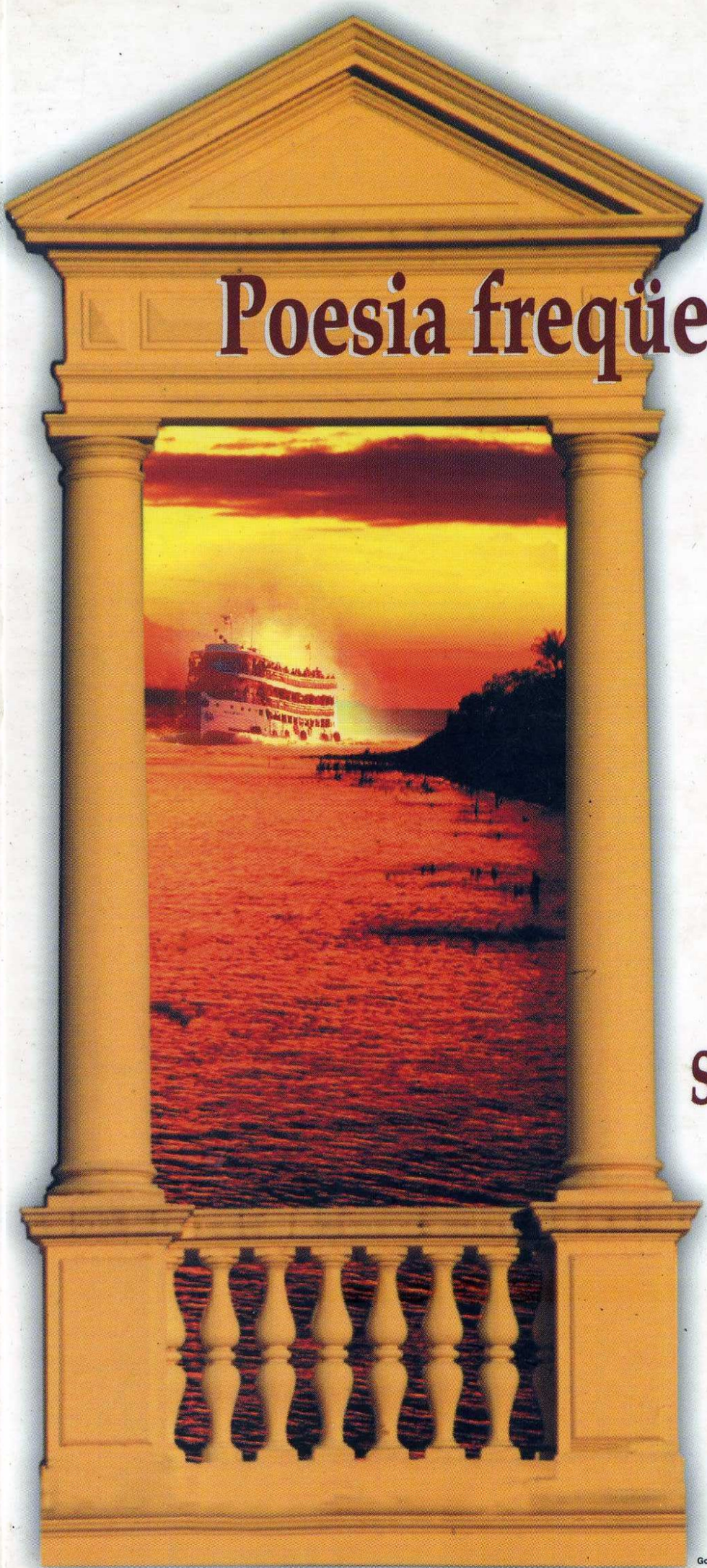
Poesia freqüentemente



Sebastião Norões

2.ª edição

COLEÇÃO RESGATE

Coordenação
Tenório Telles

CULTURA
Edições Governo do Estado

Valer
EDITORA

Publicado em 1956, no mesmo ano de *Varanda de Pássaros,* de Jorge Tufic, o livro *Poesia freqüentemente,* de Sebastião Norões, tem, antes de qualquer julgamento literário, o mérito histórico de ser das primeiras obras a apresentar a estética do Clube da Madrugada. Esta, por sua vez, seguia as tendências neo-simbolistas da Geração de 45, que anunciavam a superação do Modernismo e se caracterizavam por novo culto à forma.

Inserido nessa produção em série, se assim podemos dizer, o poeta Norões conseguiu se apresentar de forma original e, muitas vezes, com intensos e doloridos momentos líricos. Divide-se o livro em três partes, cada uma representativa de progressivos estágios de decadência existencial e, infelizmente, também criativa. Nos 23 textos que constituem a obra, encontramos uma anemia crescente, não só na vontade do criador, como no próprio universo lírico arquitetado.

Abre-se o *Poesia freqüentemente* com o "Mar da Memória", a mais conhecida produção de Sebastião Norões. Diremos, talvez inapropriadamente, mas de modo justificável, que é um soneto sem rima e com versos heterométricos. Um soneto que se nega a si mesmo, pois essa forma fixa implica a emissão de quatorze unidades rítmicas regulares. Como se sabe, ela é normalmente construída, em consonância às regras, com versos de dez ou doze sílabas. O texto de abertura, porém, possui versos a que nenhum processo de acomodação de contagem silábica consegue dar regularidade. Tal "imperfeição", como se verá, é resultado de uma proposta poética, pois, com a valorização excessiva da forma, propugnada pela Geração Madrugada, o "defeito" expressa um conteúdo que lhe é análogo.

Pertence o "Mar da Memória" a uma coleção de sete poemas reunidos sob o nome de "Acre Marinha", que constitui a primeira e mais expressiva parte do livro. No texto o poeta expressa o desejo de recuperar algo que ficou perdido no passado: "Eu quero é o meu mar, o mar azul" – assim declara no primeiro verso. Podemos deduzir, de imediato, que o mar é a metáfora positiva de desejos inalcançados, pois essa é a indicação que nos transmite a seqüência de imagens: "E o pensamento convidava longes" (verso 8), "Quando as distâncias fomentavam sonhos" (verso 11), etc.

Nenhum farol guiou o navegante pelo proceloso mar por que optou. Daí o naufrágio na abominável praia do cotidiano e da prosa sem qualquer profundidade. Entretanto, ele próprio assim o quis, pois, no poema primeiro da recordação, o "Mar da Memória", diz que o tempo do sonho foi aquele de "quando as retinas fixavam trevas". Como herói, aliava ao encapelado oceano a escuridão, a fim de que a vitória fosse maior.

Um absurdo nos ocorre: o de que o farol da crítica pudesse ter salvo o livro, tão belo na fase marítima e mesmo na manhã sem a música dos pássaros, de se ter esfacelado num arrecife. Infelizmente, os faróis só existem em função dos venturosos navios. Sua existência a posteriori é adjetiva, tal como a da crítica em relação às obras literárias que ilumina. Sendo assim, invertamos o raciocínio e digamos que, se a algum relevante estudo procedemos e se esclarecimentos pudemos dar em relação a *Poesia freqüentemente*, isso se deve aos méritos da própria obra. As situações podem ocorrer ao contrário do que o bom senso admite: foi Argo, a nave de Jasão, quem iluminou o farol de Alexandria.

Marcos-Frederico Krüger

POESIA FREQÜENTEMENTE

Coleção Resgate

Coordenação

Tenório Telles

GOVERNO DO

AMAZONAS

Governo do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Secretaria de Estado da Cultura
e Estudos Amazônicos

Secretário de Estado da Cultura
e Estudos Amazônicos
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretários
Lindalva Maria Galdez
Max Carphentier Luiz da Costa

Co-edição

Editora Valer
Governo do Amazonas

SEBASTIÃO NORÕES

POESIA FREQÜENTEMENTE

Organização
Tenório Telles

2.ª edição revista e ampliada

Valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © (desta edição) Editora Valer, 1998

Editor
Isaac Maciel

Preparação
Tenório Telles

Capa e projeto gráfico
Álvaro Marques
(Imagem virtual produzida a partir de fotos de Leonide Principe)

Revisão
Alcides Werk / Rosilene de Deus
Ana Cláudia Leocádio / Deuslange Barros

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa

N852 Norões, Sebastião.
Poesia freqüentemente / Sebastião Norões; Organização: Tenório Telles e estudo crítico por Marcos-Frederico Krüger. - Manaus: Editora Valer e Edições Governo do Estado, 1998.
(Série Coleção Resgate, 9)
77 p.
ISBN 85-86512-12-5

1. Literatura Amazonense. I. Norões, Sebastião. II. Telles, Tenório, org. III. Título.
CDU: 82.1(811.3).

1998

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus – AM
Fone: (092) 633-6565

O pássaro é a pátria do poeta.
Roland Corbisier

Vim da minha infância
como quem vem duma pátria...
Saint-Exupéry

Mi verdadero presente es
[el pasado...
Santos Chocano

À memória
de
meu Pai.

À
minha
Mãe.

A

Edson

Régis

e

Braga

Montenegro

SUMÁRIO

Apresentação 13
O argonauta Norões – Marcos-Frederico Krüger . . 15
Poesia freqüentemente 35

ACRE MARINHA
Mar da memória 39
Sargaços 40
Pégaso na onda 41
Calmaria 42
Quilha 43
A visão submersa 44
O caminho incerto 45

MANHÃ SEM PÁSSAROS
Maura se chamava 51
Santuário 52
Acapulco em Manaus 54
A vontade perdida 55
O olhar do Rex 56
Criei meu dia bem além do pássaro 58

A ROSA E O MUNDO
A Rosa e o mundo 63

Esperança 64
Mar despovoado 65
Íntima 66
Comparação 67
Conselho 68
Profissão de fé 69
A Mão para o futuro 71
Balada à rosa despetalando 73
O mundo se abate em sete quedas 75

APRESENTAÇÃO

Cantarei a Verdade

Ovídio, *A arte de amar*

Rogel Samuel*

Da superfície do corpo, onde nascem os desejos, a poesia traz consigo a sua proveniência, o seu acontecimento emergente, a fala, vontade e disfarce. Ela é um saber para o acontecer na história efetiva das necessidades do corpo, ameaçadora. A Instituição não se reconhece nela, sua especialidade é a estranheza, a "destruição delicada". A República não pode suportá-la: onde há poesia, nada é estável, tudo é horizontalidade possível do seu discurso azul. A História mostra que a República não precisa de poetas, pode passar sem eles, tem desconfiança, nas prisões e no esquecimento esses seres sedutores perigosos devem estar. Fora da República.

Todo poeta é um fora da Lei. A glória de um poeta é uma contradição, armadilha. A poesia hoje é, de preferência, peça de resistência. O canto do poeta desmonta o discurso perverso do poder. Porque a poesia brinca no vazio de poder, toda liberdade é azul, uma ameaça, o homem de fato detesta a liberdade, teme os livres (do contrário já se teria emancipado) – é por isso o poeta foragido da lei. Depois de morto, sua obra se perde na prisão poeirenta das bibliotecas inúteis, onde só a sombra o vai visitar.

De lá sai *Poesia Freqüentemente* (1956) de Sebastião Norões, livro de minha predileção, sentimos sua poesia viva, Norões, Reitor de idéias, sua poesia é azul. Esta pequena obra-prima é a "ânsia de infinito", como se o poeta quisesse voar, escapar do acanhamento provin-

ciano em que se move, alcançar Alascas e Austrálias. *Por isso o mar / ou seu fracasso (a vontade perdida)*. Com as "citações", o livro é originalíssimo e do melhor que já se fez aqui. Rimbaud é seu modelo. O poeta tenta ir, mas *voltei a mim – a vida morna vai caindo aos poucos*. O azul são esperanças. Não realizadas, nem a amizade verdadeira. Há morte no azul, no caminho para o não feito. O coração está acabado. De tal forma o livro se fecha, que a gente pressente o seu nunca mais escrever – a poesia (e a vida sangüínea) termina ali. É o mal que sempre vence. Marcuse.

Quando éramos jovens, Norões foi nosso professor e Mestre. Posso vê-lo, atrás das baforadas de cigarro e lentes grossas. Norões impressionava, carismático e culto. Nunca pensei que faria sua "apresentação", tantos anos se passaram. E é uma surpresa sempre que releio seu livro, sua poesia está mais viva ali, sua poesia é azul, lá onde o horizonte mergulha. E desponta.

Norões nasceu no dia 7 de março de 1915, em Humaitá, Rio Madeira. Estudou em Fortaleza. Aos 18 anos volta para Manaus, faz a Faculdade de Direito. Professor no Colégio Estadual e Dom Bosco. Foi Chefe de Polícia do Estado onde (dizem) protegeu Jorge Amado.

*__Rogel Samuel__ é professor aposentado da UFRJ. Doutor em Letras e autor de diversos livros e artigos sobre temas literários e ficção.

O ARGONAUTA NORÕES

A crítica é a luz que clareia as obras do passado, sem as ter criado, que as domina, sem provocar seus iguais: é o farol de Alexandria.

(Jean-Yves Tadié, in: A Crítica Literária no Século XX)1

Marcos-Frederico Krüger*

Publicado em 1956, no mesmo ano de *Varanda de Pássaros*, de Jorge Tufic, o livro *Poesia freqüentemente*, de Sebastião Norões, tem, antes de qualquer julgamento literário, o mérito histórico de ser das primeiras obras a apresentar a estética do Clube da Madrugada. Esta, por sua vez, seguia as tendências neo-simbolistas da Geração de 45, que anunciavam a superação do Modernismo e se caracterizavam por novo culto à forma.

Inserido nessa produção em série, se assim podemos dizer, o poeta Norões conseguiu se apresentar de forma original e, muitas vezes, com intensos e doloridos momentos líricos. Divide-se o livro em três partes, cada uma representativa de progressivos estágios de decadência existencial e, infelizmente, também criativa. Nos 23 textos que constituem a obra, encontramos uma anemia crescente, não só na vontade do criador, como no próprio universo lírico arquitetado.

II

Abre-se o *Poesia freqüentemente* com o "Mar da memória", a mais conhecida produção de Sebastião Norões. Diremos, talvez inapropriadamente, mas de modo justificável, que é um soneto sem rima e com versos heterométricos. Um soneto que se nega a si mesmo, pois essa forma fixa implica a emissão de quatorze unidades rítmicas regulares. Como se sabe, ela é normalmente construída, em consonância às regras, com versos de dez ou doze sílabas. O texto de abertura, porém, possui versos a que nenhum processo de acomodação de contagem silábica consegue dar regularidade. Tal "imperfeição", como se verá, é resultado de uma proposta poética, pois, com a valorização excessiva da forma, propugnada pela Geração Madrugada, – "defeito" expressa um conteúdo que lhe é análogo.

Pertence o "Mar da memória" a uma coleção de sete textos reunidos sob o nome de "Acre Marinha", que constitui a primeira e mais expressiva parte do livro. Reservamo-nos, no entanto, o direito de só comentá-lo ao final desta exposição, pois assim julgamos que será mais bem entendido. Registremos apenas que o poeta expressa o desejo de recuperar algo que ficou perdido no passado: "Eu quero é o meu mar, o mar azul" – assim declara no primeiro verso. Podemos deduzir, de imediato, que o *mar* é a metáfora positiva de desejos inalcançados, pois essa é a indicação que nos transmite a seqüência de imagens: "E o pensamento convidava longes" (verso 8), "Quando as distâncias fomentavam sonhos" (verso 11), etc.

O segundo texto da primeira parte, a que podemos chamar de *fase marítima*, intitula-se "Sargaços", que são algas que se deixam levar pelas ondas. O *incipit* é magistral e fornece uma pista para o entendimento da unidade de *Poesia freqüentemente*: "Topo no sonho o degrau do nada". Observemos que o sonho é, pois, o encontro com a impossibilidade. Se considerarmos que no "Mar da memória" o poeta se definira como *herói* ("viagens de herói e de mancebo guapo", v. 10),

podemos, no caminho para a compreensão da poética de Norões, estabelecer que o *sonho é o desejo de aventura*. "Sargaços", porém, reitera o fracasso do aventureiro em seu mar particular: "Impedi-me de ir além da busca ingente" (v. 5) e "No / aquilo que fechou todas as asas" (v. 8 e 9) são expressões amargas. Formalmente, é outro soneto imperfeito, à maneira do "Mar da memória". Todavia, ao contrário deste, que sonha com a claridade perdida no passado e traz sinais de esperança, reconhece que o pretendente a herói não triunfou. Há a aceitação da derrota.

"Pégaso na onda", o terceiro poema marinho, nos retira do contato com o homem abúlico do soneto anterior. Vemos aqui sugestivas indicações: "Flutua na água crespa o mar do sonho / Agora eu sou Pégaso na onda" (v. 1 e 2). Mais adiante, o poeta levanta um pouco o véu do disfarce: "Jasão serei incontestavelmente" (v. 9). E, logo, completa: "Que Cólchida será inda não sei" (v. 12). Em analogia com o poeta, que se utilizou de motivos mitológicos gregos, digamos que, nesse texto, foi-nos fornecido o fio de Ariadne, capaz de nos conduzir no labirinto construído por Dédalo-Norões. Consideremos que a água do mar é crespa, o que significa que o oceano imaginado ou recordado (o mar da memória) não é tranqüilo: o poeta quer ser um herói, tal e qual Jasão na conquista do velocino de ouro, e quer, em conseqüência, arrostar perigos. A referência ao comandante da Argo está acorde com a proposta de "Acre Marinha", pois o herói se liga, no ápice de suas aventuras, ao mar. Lembremo-nos também que é dos argonautas o famoso lema "Navegar é preciso, viver não é preciso". Exatamente o que Norões, como navegante moderno, mas com a alma cheia de ideais épicos, pretendia ter como meta na vida.

Não só o heroísmo e a obtenção de um bem – no caso, o velo de ouro – nos traz à mente o nome de Jasão. A ele se liga a idéia de um homem amado sem qualquer restrição por uma mulher a quem Eros alucinou: Medéia, a que traiu a família, a pátria e assassinou os filhos em nome da paixão. Deixemos essa idéia como trilha que poderá ser seguida pelo poeta. Uma busca que completará os seus desejos de se tornar herói. De *navegar* sem cansaço, evitando *viver* o cotidiano aniquilador dos seres comuns.

Por se referir a Pégaso e revelar sonhos de heroísmo, esse terceiro poema é o menos "imperfeito" dos sonetos (do quarto texto em diante não mais serão feitas tentativas de construção nessa tradicional forma lírica). Pode-se acomodar todos os versos nas dez sílabas com que mais usualmente esse tipo de poema é elaborado. Excetua-se, quanto a esta afirmativa, o verso 13 ("Pressinto, no entanto, que a chegar me vem"), impossível de ser reduzido a menos de 11 sílabas. Se apresenta uma quase perfeição métrica, o "Pégaso na onda" mantém-se avaro quanto às rimas. Ausentes, elas constituem uma retórica significativa. Faz-se necessário decifrar o porquê de sua inexistência. Propõe-nos a Esfinge-Norões mais esse enigma, o qual, não decifrado, causará o fracasso do herói-crítico.

III

Já dissemos que o "Mar da memória" é o texto mais conhecido do *Poesia freqüentemente*. Entretanto, para a compreensão do todo, o terceiro poema tem muito maior importância, por nos fornecer, conforme já o dissemos, o fio que guiou Teseu pelo desconhecido. Nele podemos perceber pistas cifradas, dadas por um poeta que, na primeira parte do livro, levou o simbolismo às últimas conseqüências, velando e desvelando propósitos. Pronunciou-as como um oráculo, de forma quase incompreensível, cabendo ao consulente-leitor a meditação para poder entendê-las. Dessa forma, no verso 6, observamos um paradoxo que resume, à perfeição, a estrutura de "Acre Marinha": "E crebro (que significa *freqüentemente*, palavra que está no título do livro) soergue-se profundo". O elevar-se e o desaparecer nos abismos salientados expressam o estado de ânimo do eu lírico: positivo no primeiro poema, depressivo no segundo, novamente positivo no terceiro (e, com certeza, depressivo no quarto, etc.). Considerando a expressão "água crespa" (v. 1), à qual já nos referimos e explicamos como um oceano nada tranqüilo, podemos propor que a parte inicial se estrutura exatamente como o mar desejado pelo

poeta: bastante proceloso. Soergue-se a nau nos momentos de intrepidez e some-se nos de pusilanimidade e abulia.

Com esse entendimento, avançamos para o quarto poema, cujo título, por si só, confirma a descoberta feita: "Calmaria". Vê-se aí outro instante de depressão, aberto com magnífico enunciado lírico: "A luz parou e o sonho dorme". Estando de posse das chaves, podemos compreender que *luz* e *sonho* são metáforas da plenitude existencial tenazmente perseguida.

Nesse poema, o herói renuncia a seus projetos de aventura. Por isso, "queda-se a asa / em gesto langue" (v. 11 e 12), reiterando imagem de texto anterior, representativo do intervalo aquático entre dois píncaros de ondas – "Sargaços" –, no qual se pode ler: "aquilo que fechou todas as asas". Confirmando a assertiva, em "Calmaria", "a água defunta / transparece em lápide / de incerteza e dúvida" (v. 17-19). Nota-se a falta de vontade e de arrojo para enfrentar perigos, característica própria, voltamos a insistir, dos textos que, representando *vales* e não *montanhas aquáticas*, são imprescindíveis para formar a *estrutura ondeada* de "Acre Marinha".

Antes mesmo de comentarmos a quinta produção da série, é possível saber, de antemão, que nela estaremos de novo no cimo de uma onda, pois na navegação que empreendemos junto ao argonauta Norões a nau se movimenta perigosamente por encapelado mar. O próprio título nos confirma o entendimento prévio: "Quilha". Opõe-se, sem que precisemos de muito esforço imaginativo, ao poema anterior, "Calmaria". Se neste, devido à ausência de vento, as *velas* se tornaram obsoletas, a *quilha*, peça básica do casco da embarcação, nos permite continuar a viagem rumo a uma Cólquida particular, país das maravilhas ambicionadas.

No quinto poema, o enunciado de abertura é assaz importante para a confirmação dos tópicos a que a poesia de Norões sempre recorre. Nele se lê: "Na manhã sem memória". Se o mar possui o sentido que já expressamos, revela-se agora o significado de *memória*. Sendo desnecessário, no momento, explicarmos a palavra *manhã*, símbolo positivo, digamos que nela não existe *memória* em face de o

fazer poético estar em plenitude... como se o argonauta, no instante do discurso lírico, se situasse no presente. Em oposição a *manhã*, *memória* tem carga semântica negativa. Recordar não é navegar.

Outro termo tem significado pré-determinado: rosa, o que equivale a catalogá-lo como símbolo. Portanto, a leitura mais comum para esse vocábulo é a da representação da efemeridade da vida. Criando contrapontos, podemos ilustrar a afirmativa acima com o que escreveu Ricardo Reis, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, poeta que achava, como Norões, que, mais que a vida, só o navegar importava. Em uma de suas odes, diz-nos:

As rosas amo dos jardins de Adônis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.[2]

Em "Quilha", como não poderia deixar de ser, "o rumo avança / lúcido e perfeito" (v. 7 e 8). Os termos antitéticos *ferro* (a nave) e *água* (o mar) se conjugam normalmente. Mas a *rosa* espreita. ... o elemento indicativo de que o apogeu heróico não durará muito. Tudo passa – é o que podemos ler em suas pétalas. À *rosa* se liga o substantivo *desgaste*, constante do verso final. Utilizado como sinônimo de *mar*, já que sua cor é também azul ("desgaste azul"), permite considerar a viagem sob nova ótica. De tal forma, o mar mêmore, que pode ser, tal como a manhã, a *juventude*, os tempos de "mancebo guapo", é simultaneamente *rosa* e *desgaste*, o que significa a expressão da angústia pelo decorrer inexorável do tempo. Porém, não há *carpe diem*, o que talvez só acontecesse se o herói, após percorrer seu oceano particular, realizasse as conquistas objetivadas.

De acordo com a *estrutura ondeada* em que os poemas se dispõem, "*A Visão Submersa*" expressa um momento em que não se navega, mesmo estando o barco sobre o mar. O próprio título contém o adjetivo que se opõe ao píncaro das ondas e revela o desânimo do

argonauta, que, por isso, anuncia: "Sou o Não Ser" (v. 7). Acorde ao seu estado de espírito, há apenas uma referência ao cimo das águas, comparadas a "escadas verdes / que balançam / as encostas do real" (v. 9 a 11). Podemos considerar o real como o cotidiano que, impondo-se, aniquila os heróis, que só existem na aventura. Lembra-nos tal situação – e todo o *Poesia freqüentemente*, como se verá – os magistrais versos de Fernando Pessoa, ele mesmo:

> *Coração oposto ao mundo,*
> *Como a família é verdade!*
> *Meu pensamento é profundo,*
> *'Stou só e sonho saudade.*[3]

O eu lírico se acha vencido, pois o universo exterior, "que é lógico e profundo" (verso final), fez funcionar engrenagens tirânicas. São elas a expressão maior do dia a dia massacrante, do *real* que derrotou o pretenso conquistador da Cólquida. O "coração oposto ao mundo" do navegante indômito não resistiu às pressões exteriores por muito tempo. Por isso, mais do que na depressão entre duas ondas, o texto se realiza no imaginário espaço marítimo abaixo das águas, o que justifica o título que possui.

Ainda uma vez, porém, numa desesperada e derradeira tentativa, retoma o herói, qual um lusíada, a busca do caminho marítimo para as Índias da plenitude interior. Isso ocorre no último poema da série, sintomaticamente denominado "O Caminho Incerto". Nele, volta o poeta a se definir como nauta. Num processo metalingüístico bastante criativo, revela que "o vento sopra e a vaga escande / os meandros indissolúveis do Não Ser" (v. 3 e 4). Tal enunciado significa que a onda divide e acaba com aquilo que não considera *vida* – o cotidiano embrutecedor –, da mesma forma como, num poema, a divisão silábica faz desmoronar a integridade visual e auditiva do verso. Observemos, porém, que os meandros são indissolúveis, o que eleva o que foi dito à condição de oxímoro, pois como dividir (ou dissolver) o

Não Ser, que não permite tal coisa? Somente no mar agitado por intensas vagas, onde o herói se aventura, pode acontecer o milagre. Além de paradoxal, o enunciado é mais uma chave para que entendamos a proposta formal de Norões, o argonauta.

IV

Não é demais repetir que uma das características da Geração Madrugada, observável em bastantes momentos na produção dos melhores poetas líricos do movimento, é a supervalorização da forma, que não existe em si mesma, como estrutura preexistente. A forma vive como expressão do conteúdo. Estranhamos, no início deste estudo, que os "sonetos" fossem escritos de modo "imperfeito", sem as rimas de praxe e métrica não absolutamente regular. Ao chegarmos a este "O Caminho Incerto", compreendemos as razões do eu lírico. Quem deve ser escandido, ou melhor, partido, é o Não Ser, entendendo-se este não no sentido hamletiano, mas como a existência mesquinha dos seres comuns, amortalhados no cotidiano regular de horas e compromissos. A aventura é, pois, como o verso livre, sem métrica e rima. Compreendemos também os motivos pelos quais a "Acre Marinha" começa com a tentativa de realizar três sonetos, os quais se revelaram sem perfeição, em virtude principalmente das quatorze unidades rítmicas não serem de enunciação regular. O esboço dos quase-sonetos foi abandonado à medida que o navegante se aventurava no mar, em busca da glória. Excetuando-se "Quilha", feito de três tercetos cujos versos apresentam métrica variada, os demais textos são totalmente livres.

Em "O Caminho Incerto", o poeta se pergunta, no penúltimo verso: "Aonde vou?" Não só o rumo a percorrer lhe é "incognoscível e vário" (v. 9), como a aventura "por mares nunca de antes navegados" passa a ser a sua perspectiva de vida. Por isso, "a bússola naufraga" (v. 12) e o argonauta se deixa ir sem qualquer rota prévia. Um último enunciado arremata e confirma o que vimos expondo: "e se esparrama

inerte o mar velado". Propomos para o termo *velado*, no caso, a acepção de objeto que, tal como uma vela, é conservado aceso ou vivo. Afinal, a bússola do poeta se encontra destruída e a epopéia pode, então, se realizar. O oceano brilha na memória do pretendente a herói. Ele foi a chama que um dia lhe iluminou a vida.

No início do poema, vê-se como o veleiro segue "no baloiço da esmeralda", o que significa, para além da mera agitação do oceano, a estrutura de *montanhas* (arroubos) e *vales* (depressões íntimas) em que se realiza a primeira parte de *Poesia freqüentemente*. Disfarçado à flor desse mar iluminado, existe, no entanto, um recife capaz de ameaçar a engenharia do barco e fazer naufragar a poética noroniana: é o termo *esmeralda*, de pouca felicidade, posto ser por demais explorado. Sabemos, no mar de nossa memória literária pessoal, que José de Alencar já o utilizara em *Iracema*[4]. Esse pequeno detalhe, por não ser repetido, de forma alguma prejudica a concepção e a realização dos sete belos textos acres e marinhos da primeira parte. Quem dera pudesse o argonauta Norões, qual novo Jasão, seguir tranqüilo, no intranqüilo mar, o caminho que o levasse à claridade existencial e um farol como o de Alexandria lhe iluminasse o difícil mas venturoso percurso.

Ocorre-nos uma última consideração, reveladora do apuro técnico com que o autor se afirmou. O último poema da série – "O Caminho Incerto" – termina, logo após a expressão "o mar velado", sem ponto final. A ausência de pontuação também ocorre ao final da primeira estrofe de "Quilha", momento em que "o ferro e a água / se conjugam normalmente". Não é desleixo ou erro de revisão. Se o for, a razão hermenêutica nos impele a que deixemos como está o que foi descuidado. Propomos, pois, que a pontuação inexistente se afirme mediante uma retórica lírica surpreendente, capaz de levar a nova conjectura crítica. Atentemos para o fato de que os enunciados sem ponto final coincidem com ápices da viagem do herói, de onde se pode inferir que o nauta aspirava, além da plenitude, ao intérmino do percurso. Contrapõe-se a esses dois momentos o final inconcluso (sem ponto final) de "Calmaria", em que "a água defunta / transparece

em lápide / de incerteza e dúvida". Também nesse caso, o momento depressivo parece não ter fim e aniquilar projetos de aventura. Como se observa, a ausência de pontuação possui retórica mui particular: a de reforçar o projeto formal da primeira série de poemas, disposta a expressar o conteúdo da existência não só de seu criador, como, por extensão óbvia, da humanidade mais sensível às dúvidas e aos porquês da vida.

Opostos ao cotidiano, ao mesquinho rastejar que a sociedade criada pelo homem impôs a todos, ascendem esses poemas à condição de contestadores, pois, mesmo sem propor nova e utópica organização política, recusam implicitamente as que são vigentes e fazem da busca incessante sua própria finalidade.

V

Na "Manhã sem Pássaros", que constitui a segunda parte de *Poesia freqüentemente*, não é mais possível verificar a imitação simétrica das ondas, com temas relativos à problemática existencial, encontrável na "Acre Marinha". Aqui, predomina uma *estrutura desarrumada*, na qual as situações são, mais restritamente, amorosas. Quiséssemos uma harmonia estrutural, proporíamos que "Santuário", o texto em que a infância em Crato, na casa dos avós, é recordada, abrisse essa série. Em seguida, viriam os poemas que expressam desilusões amorosas e desejos sexuais frustrados: "Maura se chamava...", "Acapulco em Manaus", "A Vontade Perdida" e "Criei meu dia bem além do pássaro..." Um sexto poema, "O Olhar do Rex", se seguiria a esses, como demonstração de que, após os amores irrealizados, só restou ao eu lírico a amizade de um cachorro, único ser capaz de lhe amenizar a frustração.

Arrumaram os Editores, assinantes da "Apresentação", os textos em dada ordem. Esclarecem-nos "que são produtos conseqüentes de temporalidades distantes, sem nexo vulgar".[5] Se assim for, concluímos que, da mesma forma como o eu lírico não interferiu na organização

da primeira parte, nessa segunda *estrutura*, que se nos apresenta *desarrumada*, também manteve-se ausente, como um demiurgo que, após a criação de um universo particular, deixasse às criaturas que nele habitam a tarefa de modificá-lo à sua vontade. Esse segundo "livro" (assim definido pelos organizadores), porém, não se presta à radical denominação de *desestrutura*, pois, como se verá, possui um nexo. Como demonstramos, a ordem tem importância fundamental no "livro anterior", não importando, em absoluto, a ausência do poeta da seqüência de apresentação dos poemas. Afinal de contas, como admitiu Roland Barthes, não há autores, mas tão-somente textos.[6] Pode-se inferir que a desordenação expressa o caos interior do eu lírico através de um mundo feito de pequenas angústias cotidianas. No segundo momento da poética noroniana não há mais a grandeza das epopéias, à qual uma estrutura regular era mais conveniente. Ao dilaceramento interior corresponde, portanto, uma relativa desordem.

Comentando os poemas na ordem em que aparecem no livro, referimo-nos a "Maura se chamava..." Perceberam-no os organizadores – e por isso o colocaram para abrir a série – como seqüência dos textos de "Acre Marinha" e, de certa forma, ele o é. Ali, a amada é referida em constantes comparações com o oceano para sempre perdido da primeira parte:

Olhos de mar parado.
Cabelos de mar revolto e preto.
Corpo: vela em curvas fiéis à beleza.
No pensamento ondas de ilusão
que iam esbarrar na praia dos enganos.[7]

A desilusão amorosa reforça a tese antes apenas esboçada: a de que a conquista do velo de ouro só seria completa se Medéia, ou amada equivalente, também fosse seduzida. Daí a metaforização de Maura com acidentes marítimos ou objetos relacionados ao oceano. Se procurarmos uma explicação para o adjetivo preto, que à primeira leitura nos

parece deslocado, veremos que ele tem um correspondente no "Mar da Memória", em que se lê: "Quando as retinas fixavam trevas"(v. 6).

Propomos, dentro da hermenêutica traçada, uma interpretação peculiar: a de que Maura não se refere a qualquer mulher específica, mas à infelicidade no amor, paralela ao fracasso do herói, como ficou implícito no encerramento da "Acre Marinha". Observemos, primeiro, que, no texto em análise, ele nos diz: "E o sal chegou na minha boca. / Um calhau demora, quieto, numa praia remota..." (v. 15 e 16) Isso significa, como é fácil deduzir, o fracasso no mar da navegação amorosa. Depois, examinando o nome da amada, vemos que os dicionários o têm como sinônimo de *mouro* ou *árabe*. Aliás, em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o encontramos amiúde. Assim ocorre, por exemplo, no oferecimento a D. Sebastião:

> *E vós, ó bem nascida segurança*
> *Da Lusitana antiga liberdade,*
> *E não menos certíssima esperança*
> *De aumento da pequena cristandade;*
> *Vós, ó nova temor da Maura lança,*
> *Maravilha fatal da nossa idade,*
> .....[8]

E, mais adiante, num momento em que Vênus ajuda os portugueses:

> *A celeuma medonha se alevanta*
> *No rude marinheiro que trabalha;*
> *O grande estrondo a Maura gente espanta,*
> *Como se vissem hórrida batalha.*[9]

Como todos sabem, louvam *Os Lusíadas* o período de vitórias do povo português, que teve início com a tomada de Ceuta aos árabes.

Consideram vários teóricos que a obra camoniana assinala o final do gênero épico, que se transformou (admitamos assim) na ficção. Chamando a amada de Maura (moura, árabe) e não a conquistando, ao ex-argonauta, que um dia sonhou arrebatar o velocino de ouro, foram negados todos os louros. Não se tornou um herói mitológico ou épico, do tipo Jasão ou Ulisses, nem sequer um conquistador português, mais recente e, talvez por isso, menos avultado em nossa imaginação. Há também uma mudança de perspectiva dos tempos áureos da antiga Grécia, em que predominavam os deuses olímpicos, para épocas mais próximas, de exclusividade do cristianismo. Um verso desse poema parece estranho: "Mas o tempo ficou no Crato". No texto seguinte, "Santuário", encontramos, mais em tom de prosa do que de poesia (primeiro falseamento lírico do autor), referências ao ambiente familiar e religioso. Isso mostra que, tendo fracassado nos estágios míticos da humanidade, o ex-Jasão tenta a vitória sob o signo lusíada do cristianismo. Entretanto, como ele não conquistou Maura...

VI

A essa altura de nossa análise, é impossível dissociar heroicidade e amor. Ambos os fenômenos são faces da mesma moeda que espelha a busca da plenitude da existência. O terceiro e quarto poemas, respectivamente "Acapulco em Manaus" e "A Vontade Perdida", são bastante explícitos quanto ao desejo sexual. Na imaginária Manaus-Acapulco, vê-se, por exemplo, que o poeta observa, "na. preciência do gozo" (v. 4), o "sol aquecendo a pele macia da mulher molhada" (v.7). Cifradas são certas imagens, como *catadupas* e *banzeiro*. O uso de *catadupas*, ao invés do termo conhecido, *cachoeiras*, de som inclusive mais melodioso, revela uma censura íntima do autor. Trata-se esse acidente geográfico de evidente símbolo fálico, explicado por vários psicanalistas. Assemelha-se a cachoeira, ao se precipitar sobre o abismo, ao jorro do sêmen que sai do pênis no momento da ejaculação. Da mesma forma o *banzeiro*, que revela a

manemolência pós-orgástica, pois essa imagem ocorre logo após a seguinte afirmativa: "O pensamento de repente se torna em catadupas desenfreadas" (v. 8). Se a cachoeira se precipitou apenas na imaginação, pois quem lhe acendeu o desejo não estava presente ("Sombra da que se foi" (v. 4), temos, evidentemente, a concretização de um ato masturbatório.

Interpretemos o título de "A Vontade Perdida". Trata-se, como se depreende da leitura, não da súbita perda do apetite sexual, mas do desejo mais uma vez irrealizado. Associam-se as imagens aéreas a essa incontida ânsia de gozo: lembremo-nos, no caso, de "Pégaso na onda". No texto a que ora nos referimos, há, no verso inicial, a significativa declaração dos "sentimentos esvoaçando em catadupas translúcidas" (torna-se desnecessário reconsiderar o vocábulo que substitui cachoeira). As unidades rítmicas seguintes reiteram, em considerável elevação lírica, a posse frustrada da mulher amada: "Vôos em agonia na tarde pacata. / Asas de sonho azul batendo na vidraça."

Desorganizemos um pouco a nossa análise, que vem obedecendo, até aqui, à seqüência dos poemas tal como se apresentam no livro. Em analogia à desarrumação relativa da segunda parte, refiramo-nos de imediato ao último texto, que expressa, com muito maior sutileza e intensidade, a ânsia sexual em símbolos fálicos. Consideremos o *cavalo*, animal que, anteriormente expresso na forma alada de Pégaso, em "Criei meu dia bem além do pássaro..." nos aparece implícito na seguinte declaração: "O galope de Wagner / transferiu-me ao país inconcebível das Valquírias" (v. 2 e 3). Antonio Candido, no estudo que fez do poema "Meu Sonho", de Álvares de Azevedo, diz que "o cavalo é símbolo de força viril na literatura popular e erudita".[10] Com essa indicação, podemos perceber no texto de Norões uma primeira representação peniana. É expressivo o fato de ela se ligar, mediante a evocação do nome de Wagner, à música, o que nos abre outra porta para a interpretação da ausência de rimas e da métrica irregular nos *sonetos imperfeitos* da primeira parte. Como na "Acre Marinha" o argonauta não se completa – existencial ou sexualmente –, nada mais lógico que os textos não possuam artifícios que substituam a música.

Um outro símbolo fálico é ainda mais revelador, pelo pouco uso que dele se faz em tal sentido: o *pássaro*. Em virtude de poder voar, como Pégaso, poderíamos de antemão, já que relacionamos o vôo aos desejos sexuais não realizados, compreender o *pássaro* como metáfora ligada ao sexo. Vamos, porém, entendê-lo como símbolo, pois assim encontramos sua definição no Dicionário de Juan-Eduardo Cirlot:

> *(...) o pássaro, como o peixe, era em sua origem um símbolo fálico, mas dotado de poder ascendente (sublimação e espiritualização). Nos contos de fadas encontram-se muitos pássaros que falam e cantam, simbolizando os desejos amorosos, como as flechas e as brisas. Os pássaros também podem ser amantes metamorfoseados.*[11]

Sendo o símbolo uma chave para a compreensão de enunciados, fica fácil a decodificação do texto. Trata-se de mais uma masturbação do ex-pretendente a herói e amante. Na imaginação do ato sexual metaforizada pela música de Wagner, vemos que "lépido corri a escala / que declina rios / ocasiona estrelas / e sonda insondáveis horizontes" (v. 4 a 7). Ou seja: a mão do poeta correu a "escala" do pênis e o rio que escorreu foi o sêmen, que, em belíssima metáfora, foi comparado a estrelas; finalmente, o insondável horizonte são possíveis e ousadas imagens de uma relação sexual que, na verdade, ocorre tão-somente no imaginário. Os versos finais reiteram a hermenêutica: "Vi, porém, o pássaro exangue e voltei a mim". Mesmo sendo óbvios, queremos enfatizar que, nessa declaração, o pássaro tornou-se sinônimo do falo, que, após o orgasmo, apresentou-se sem forças. Mais do que uma oposição do mundo exterior aos desejos amorosos, implicita-se no título que os obstáculos são interiores. O amante do sexo afirma: "Criei meu dia bem além do pássaro..." Imaginou, é possível, realizações amorosas (*o dia*) que o pênis (*o pássaro*) não pôde concretizar.

A denominação da segunda parte, "Manhã sem pássaros", pode, portanto, ser facilmente interpretada como "juventude sem amor".

Falta-nos, porém, a referência a "O Olhar do Rex", o penúltimo texto da série. Vemos aqui que a ausência de sexo foi compensada pelo amor de um cão. Literariamente é uma realização bastante fraca, com enunciados óbvios e sem grandeza: "Termômetro do amor / é a cauda" (v. 4). Entretanto, deve ser necessariamente considerado. É que, com esse animal, o poeta conseguiu a amizade que outras pessoas não lhe deram. Por isso, "uma perfeita humanidade / desabotoa translúcida" (v. 1 e 2) de seus olhos. É uma amarga ironia e uma triste derrota para quem enfrentou ondas bravias. Mas uma última consideração, que acentua a tristeza do caso, deve ser feita. *Rex*, como se sabe, significa *rei*. Vemos, pois, um monarca submetido ao ex-herói. Como se, tendo fracassado na conquista do velo de ouro e na tomada de Ceuta, tivesse afinal, vencido a um rei sem qualquer expressão.

VII

Se na primeira parte vimos, em que pesem os percalços, um *legítimo herói*, se na segunda ele se mostrava *acomodado*, na terceira parte o vemos *diluído*. Não há mais quaisquer perspectivas de heroísmo no caos em que o mundo se tornou na metade do século XX. É essa exatamente a ordem em que se dispõem os dez poemas da série final: uma paradoxal *estrutura caótica*.

Chamada de "A Rosa e o Mundo", consideremo-la, em analogia com sua estrutura, caoticamente, e não mais texto a texto. Revelemos inicialmente que o substantivo rosa, constante do título, quando aparece, não tem o sentido de *impermanência* e *efemeridade*, mas de *beleza* e *bondade*:

> *A rosa se esfacelou nos pés do mundo.*
> *O róseo se transformou no vermelho vivo vivo,*
> *para aflição de muitos e prazer de outros.*
> *O cetim travestiu-se de pele de urso.*[12]

"Conselho" deveria estar na segunda parte, porque, mesmo sem apresentar desejos sexuais não realizados, trabalha temática semelhante. Dessa forma, há vocábulos e enunciados claramente reveladores: "Glória ao teu sexo", "goza o teu ser até a última gota", "seca a tua vontade de pecar", etc.[13] O *incipit*, inclusive, confirma a proposta interpretativa que fizemos: "Um vôo de pássaro na tua sensibilidade incontida" mostra o acerto da simbologia fálica que adotamos.

Na mistura de assuntos a que os textos se referem, a poesia lírica se vê afogada no mar do cotidiano. "O Mundo se abate em Sete Quedas", à parte o fato de se referir a uma cachoeira e revelar a obsessão sexual do autor, é prosaico e datado. Medíocres são também "Profissão de fé" e "A Mão para o futuro". Até mesmo um poema como "Comparação", de boa feitura, não atinge a magnificência dos que formam as partes iniciais, devido a simbologia por demais explorada: o poeta se compara a um rio que corre para o mar (a morte). Nessa parte de encerramento reverteram-se as expectativas anteriores, haja vista o *mar*, que anteriormente foi apresentado como metáfora da vida.

VIII

De interessante na última seção, pudemos observar o poema "Mar despovoado", espécie de chave para a compreensão do "Mar da memória" e de toda a primeira parte. Vemos que, para o ex-herói, "alcançar a Austrália ou alcançar o Alasca / é coisa que fica na vontade" (v. 11 e 12). Confessa-nos, ainda, que "nem a amizade brotou verdadeira" (v. 13), o que nos leva a deduzir que, em virtude desse desabafo, também o amor se frustrou. Diluído no caos da sociedade contemporânea, o poeta perdeu, inclusive, seu vigor lírico. É possível, pois, arranjar uma analogia que desculpe os constantes momentos medíocres e os poucos instantes de brilho. À aventura épica corresponde a poesia plena; no caos contemporâneo, a beleza lírica é impossível. Isso, porém, é uma correspondência que, se justificável, revela-se impertinente. O poeta, caso mantivesse o esplendor

da viagem por oceanos imaginários, certamente teria meios de nos surpreender: admitindo que a contemporaneidade matou a Poesia, nos daria acesso a essa realidade de modo contraditoriamente belo.

Diluído no caos do mundo e perdido em labirinto particular, o ex-herói relembra a época em que sonhou ser um novo Jasão. Era, então, um jovem que se julgava capaz de afrontar e derrotar deuses e demônios. Enquanto Rex lhe lambe os pés, vêm-lhe à mente os tempos antigos e o oceano de outrora reaparece a quem sabemos derrotado. De súbito, porém, estamos, com o argonauta renascido, a caminho do "Mar da memória" e ouvimo-lo exclamar: "Eu quero é o meu mar, o mar azul, o mar de quando eu era, não agora. Quando as distâncias fomentavam sonhos". No entanto, pelo simples fato de ser uma recordação, sabemos de seu fracasso. Ao contrário de Ulisses, em seu oceano pessoal ele não ouvirá o canto das sereias nem sobre ele triunfará. Sobre as ondas não se ouvirão acordes de qualquer melodia, o que reitera uma das interpretações dadas para ausência de rima e métrica nos *sonetos imperfeitos*: liga-se a música à plena realização sexual, fato que se restringiu apenas a uma busca infrutífera. Além do mais, recordando o fracasso da juventude, o eu lírico resolveu expressá-lo na forma dos textos construídos, de onde os sonetos aparecem como arquiteturas inacabadas. Nos poemas que se lhes sucedem, na premonição da inalcançável vitória, abandonou o argonauta a pretensão de dar às suas obras qualquer organização. Advêm daí os versos livres, sem musicalidade e, por extensão, sem plenitude sexual e existencial. (Não estamos nos contradizendo, mas abrindo novas trilhas interpretativas sobre o não dito.)

*

Nenhum farol guiou o navegante pelo proceloso mar por que optou. Daí o naufrágio na abominável praia do cotidiano e da prosa sem qualquer profundidade. Entretanto, ele próprio assim o quis, pois, no poema primeiro da recordação, o "Mar da memória", diz que o tempo do sonho foi aquele de "quando as retinas fixavam trevas". Como herói, aliava ao encapelado oceano a escuridão, a fim de que a vitória fosse maior.

Um absurdo nos ocorre: o de que o farol da crítica pudesse ter salvo o livro, tão belo na *fase marítima* e mesmo na manhã sem a música dos pássaros, de se ter esfacelado num arrecife. Infelizmente, os faróis só existem em função dos navios aventureiros. Sua vida *a posteriori* é adjetiva, tal como a da crítica em relação às obras literárias que ilumina. Sendo assim, invertamos o raciocínio e digamos que, se a algum relevante estudo procedemos e se esclarecimentos pudemos dar em relação a *Poesia freqüentemente*, isso se deve aos méritos da própria obra. As situações podem ocorrer ao contrário do que o bom senso admite: foi Argo, a nave de Jasão, quem iluminou o farol de Alexandria.

*__Marcos-Frederico Krüger__ é Doutor em Literatura de Língua Portuguesa e Professor da Universidade do Amazonas.

Notas

1 TADIÉ, Jean-Yves. *A Crítica Literária no Século XX. Trad.* Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. p. 16.

2 PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio /2-3*; Odes de Ricardo Reis; Para além do outro Oceano de C[oelho] Pacheco. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. (Poiesis) p. 87.

3 PESSOA, Fernando. *Mensagem; À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais; Quinto Império; Cancioneiro. 8ª.* ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. (Poiesis) p. 167.

4 O segundo parágrafo do capítulo primeiro de Iracema constitui-se do seguinte trecho: "Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros".

5 In: NORÕES, Sebastião. *Poesia freqüentemente*. [Manaus] Planície [1956] (Periantã, 1) p. 9.

6 Apud TADIÉ, op. cit., p. 9. A citação sobre a predominância da obra sobre o autor se reproduz, parcialmente, a seguir: "(...) para Barthes e alguns de seus amigos, não existe mais o autor, mas textos – que pertencem muito mais à crítica do que ao escritor".

7 NORÕES, op. cit., p. 39.

8 CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Org. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto; Coimbra: Arnado; Lisboa: Fluminense, 1982. p. 70. (Canto I, est. 6, v. 1 a 6)

9 CAMÕES, op. cit., p. 103. (Canto II, est. 25, v. 1 a 4)

10 CANDIDO, Antonio. *Na Sala de Aula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. (Fundamentos, 1) p. 51.

11 CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos.* Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984. p. 448.

12 NORÕES, op. cit., p. 59.

13 NORÕES, op. cit., p. 69-70.

POESIA FREQÜENTEMENTE

1

ACRE

MARINHA

Mar da memória

Eu quero é o meu mar, o mar azul.
Essa incógnita de anil que se destrança
em ânsias de infinito e me circunda
em grave tom de inquietude langue.

O mar de quando eu era, não agora.
Quando as retinas fixavam tredas
a incompreensível mole líquida e convulsa.
E o pensamento convidava longes,

delimitava imprevisíveis rumos,
viagens de herói e de mancebo guapo.
Quando as distâncias fomentavam sonhos.

Rebenta em mim essa aspersão tamanha
que a imagem imatura concebeu
de quando o mar era meu, o mar azul.

Sargaços

Topo no sonho o degrau do nada.
A onda rola, mas onde estou eu,
que tropeço no escolho deste bojo
espraiado nas cavernas duradouras?

Impedi-me de ir além da busca ingente
emaranhado que sinto o meu querer.
Obstáculo sim, pois se ventura
ficou no atrás, no desconsolo. No

aquilo que fechou todas as asas
inconcebendo para sempre o riso
da espuma que bebeu meu pensamento.

Quedo-me tolhido e a água perto
me vislumbra o painel desconcertante
de quem se perde irreparavelmente.

Pégaso na onda

Flutua na água crespa o mar do sonho.
Agora eu sou Pégaso na onda.
Irei além daquilo que foi tudo
e me esperando está dentro de mim.

Enrista-se em doudas avançadas
o mar. E crebro soergue-se profundo.
Mas a vontade da ilusão é tanta
e tanto é o valor do timoneiro.

Jasão serei incontestavelmente.
E o velo de ouro que a pensar eu tenho.
Tenho, também, a Cólchida sonhada.

Que Cólchida será inda não sei.
Pressinto, no entanto, que a chegar me vem
essa marugem que enternece e vinga.

Calmaria

A luz parou e o sonho dorme.
Em surdina
o ambiente
burila sons
que se definem
em longos haustos de tênue vida.
Cálido
fareja o ar
o hálito intenso
de bafo morto.

Queda-se a asa
em gesto langue
e se extingue o sopro
alavanca e alma.

Para o céu se volta
pensamento enorme
e a água defunta
transparece em lápide
de incerteza e dúvida

Quilha

Na manhã sem memória
o ferro e a água
se conjugam normalmente

Abrem-se em rosa
que o peso esmaga
incontidamente.

E o rumo avança
lúcido e perfeito
no desgaste azul.

A visão submersa

A luz na água ricocheteia o sonho.
Plena a advertência que exsurge
no ambiente amarasmado
E lúcida
sobe à tona
em borbotões imperecíveis.
Sou o Não Ser
na majestática grandeza
dessas escadas verdes
que balançam
as encostas do real.

Abandonada a esperança
que dirigiu a cabeça.

Submerge-se a visão
à presença desse universo
que é lógico e profundo.

O caminho incerto

No baloiço da esmeralda o meu veleiro segue
a rota dos destinos que morreram sem valia.

O vento sopra e a vaga escande
os meandros indissolúveis do Não Ser.

À pátria das gaivotas eleva-se o volume
do labirinto de incontidas ânsias
e o céu hospeda num momento exangue
o nível raso da visão do nauta
que abarca o rumo incognoscível e vário.

Mar alto. E a angústia se desata
em volutas de cismas incessantes.

Aonde vou? E a bússola naufraga
e se esparrama inerte o mar velado

2

MANHÃ SEM PÁSSAROS

A

Titia

e

Plínio

Norões

Maura se chamava...

Maura se chamava.
Olhos de mar parado.
Cabelos de mar revolto e preto.
Corpo: vela em curvas fiéis à beleza.
No pensamento ondas de ilusão
que iam esbarrar na praia dos enganos.
Na areia alva e macia do coração
dobrei o dorso de desejos pleno.
Foi a inflorescência feliz.
Alma completa em ventos de sonho.
Enseadas de prazer.
Mar em sua plenitude.

Marés de pulsações febris.
Mas o tempo ficou no Crato.
E o sal chegou na minha boca.
Um calhau demora, quieto, numa praia remota...
Maura se chamava.

Santuário

Velho santuário da casa de meus avós.
Santuário da casa da infância
plantada numa rua estreita da cidade do Crato.
Santuário onde se arrumavam os santos protetores
[da família.

Relíquia que presenciou os passos do menino.
Que ouviu todos os dias os seus pensamentos todos.
A minha súplica e o arrependimento.
Santuário guardado na alcova. A minha veneração.

Um dia hei de voltar à casa de meus parentes longe.
Cresci. Sou homem.
O santuário continua a receber no fundo do quarto
[no Crato,
a oração dos meus.
Andei por aí. A cabeça mudou.

Mas hei de voltar, porque quero sentir, de repente,
lábios em balbucio.

– Aquele olhar manso e ingênuo.
– Aquela inabalável fé.
– Aquela dor do arrependimento.
– A voz melodiosa que embalou meus dias
[melhores.
Que tudo perdi!...

Que ele nunca desapareça do quarto
porque, escutai bem, parentes:
se um dia se acabar a relíquia sagrada,
desaparecerá com ela a porção boa da vida.

Nossa Senhora do Carmo
Santo Antônio São Sebastião São José Santa
[Teresinha
o pedido, eu sei, não poderá ser atendido.
Quanta vontade de tirar de vossos braços, com
[respeito,
o pedaço de mim. Infância singela e confiante.

Quero aquele olhar tão manso pousado em Vós.
Fé tão forte na vitória.

Quero a voz pura daquela que criou os meus passos,
olhos fitos em Vós na esperança do menino feliz.

Acapulco em Manaus

Pernas da cor da areia que corre o chão.
Cores variegadas bandeirando corpos esguios.
Músculos retesos nos saltos sem conta.
Sombra da que se foi na preciência do gozo.
A vista se turva diante da magnífica paisagem
[aquática,
da praia densa de vida,
do sol aquecendo a pele macia da mulher molhada.

O pensamento de repente se torna em catadupas
[desenfreadas
como o banzeiro que o rio está mostrando
na Boiuçu de escamas negras e espumas de oiro.

A vontade perdida

Sentimentos esvoaçando em catadupas
[translúcidas.
Vôos em agonia na tarde pacata.
Asas de sonho azul batendo na vidraça.
Silêncio ajustador de estados d'alma
pervagando a região do pensamento.

Um ressaibo de vinagre no desejo incontido
e a vontade perdida de ser luz nos olhos dela
e perfurar-lhe a alma com a sonda dos caprídios
[instintos em galope.
E sorver-lhe, como um cálice de vida estuante,
o corpo alfombra e cetim.

O olhar do Rex

Uma perfeita humanidade
desabotoa translúcida
nos olhos do Rex.

Termômetro do amor
é a cauda
e através a luminosidade
do olhar correto
chispas de docilidade avançam.

A atitude maior
de lamber os meus pés.
A linguagem suprema
de dizer tudo com alma!

(E a alma dos que vivem hoje
atribulados
com o sentido do ódio?)

A pele suave escorrendo
nos meus dedos.
A súplica de um afeto.

Fixa e penetrável
a humanidade dentro
dos olhos do Rex.

Criei meu dia bem além do pássaro...

Criei meu dia bem além do pássaro.
O galope de Wagner
transferiu-me ao país inconcebível das Valquírias.

Lépido corri a escala
que declina rios
ocasiona estrelas
e sonda incalculáveis horizontes.

Guindei-me ao ápice do sol.
Segurei-me à cauda dos cometas
e mundos cavalguei.
Vi, porém, o pássaro exangue
e voltei a mim.

3

A ROSA E O MUNDO

A

Fran

Martins

e

Raquel

de

Queiroz

A rosa e o mundo

A rosa se esfacelou nos pés do mundo.
O róseo se transformou no vermelho vivo vivo,
para aflição de muitos e prazer de outros.
O cetim travestiu-se de pele de urso.
A alma se evaporou dentro do ódio injusto e sem
[limite. Atroz, bárbaro.
O corpo fica para os limites do sexo e da força
[bruta,
Não mais o lírio dentro do lírio de outras mãos.
Agora desperdício de sangue e de palavras cancros.
O coração ajuda apenas a circulação da vida.
[Nada mais.
Calcada a função de ser e de sentir.
Ruiu a pele. Vem o calo nos pés pisando tudo.

Mas a rosa é o princípio do mundo.
E o coração, poetas, é o fio sempre firme e forte
por onde balançamos a sensação.
O coração aperta o elo que reúne os homens.
Mola do mundo.
Rosa do mundo.

Esperança

A vida morna vai caindo aos poucos.
O pensamento enorme esbarrou na distância.
É um fato líquido o declínio do sonho.
Mágoa.
Descontentamento.
Desilusão.
Tristeza.
Decepção do que vai rolando na terra.
Mas não poderei concertar o que errado
penetra em tudo, até nas profundezas de mim.
Nunca farei o mundo à minha boa feição.
Nunca.

Mas continuarei a espalhar meus versos,
plenos de minha revolta,
todos arranjados num clima de justiça e de fé.
Promoverei o impossível
para determinar a esperança.
Não morrerei, porém, sem que o meu canto
penetre o mundo
e consiga nalgum homem de boa vontade
a acomodação desejada e perfeita.

Mar despovoado

Mar despovoado. O coração em largas sensações.
Uma gaivota rasgando o espaço inutilmente.
Na profundeza das águas o incógnito
e no céu sempre o mesmo azul e as mesmas
[esperanças.
Peixe isolado mostrando à flor do líquido
a razão de viver.
A vastidão comendo tudo.
E o vácuo ainda maior.
O pensamento se desabotoa célere
mas a amplidão é infinita.
Alcançar a Austrália ou alcançar o Alaska
é coisa que fica na vontade.

Nem a amizade brotou verdadeira.
Agora só o repouso que não finda.
O afogamento para sempre de todas as ilusões
e a morte completa.

Íntima

A alegria deixou o espírito. Vazio penetrante,
perturbando a sensibilidade e a razão de ser do
[cansado coração.
Fibra estiolada inexoravelmente.
Há um princípio de fim do sentimento maior de
[todos.
Há o caminho para o não feito. Para a desilusão.
Para o Nada.
A estrada boa e suave ficou nos escaninhos do
[passado.
Agora o não prazer, a ânsia.
O indefinido gosto de sentir que a vida passa.
E a tortura por dentro. O ponto morto parado.
Coração afogado. O amor correndo para a distância
em velocidade de radar.
E o poeta sozinho
com o poema na mão e o coração acabado.

Comparação

O rio lento corre a distância fatal.
É murmúrio suave. Lassidão. E a surpresa
das cascatas espumantes. E os dentes de pedra
a remoer demônios. Fio que se estica
e se lasca. Termina tragado.
E vai participar anônimo da grande água,
da água de todo mundo e de todos os povos.
Mar.

Sou rio também!...

Conselho

Um vôo de pássaro na tua sensibilidade incontida.
Um véu de fantasia para cobrir os teus olhos
sequiosos da verdade.
A verdade é dura. Dói. E não precisas
cansar teus passos de ave, através do caminho
[que vai muito longe.
Olha somente para o céu estrelado ou azul.
Entretém tua visão com a natureza verde do sonho.
Glória ao teu sexo que tem de sentir a vida
e contornar a dura verdade.
Goza o teu ser até a última gota
e passa na calçada sem ver o transtorno,
o malentendido, a luta.
Seca a tua vontade de pecar.
Espalha messes de laivos sensuais de teus olhos
e da tua carnadura moça veludo.
A natureza e o teu corpo
precisam de liberdade e de esquecimento do
[mundo,
para que a vida pareça plena e boa.

Profissão de fé

Sou poeta dagora porém pés fincados no passado.
"Mi verdadero presente es el pasado". Santos
[Chocano.
A infância. O que ficou bem atrás. Tudo no volume
[do que já foi.

Como pode ser isto, poeta moderno?

Olho o futuro.
Coloco um pé no passado. Outro no futuro.
O presente é mero hiato. Quero ação.
O porvir é o tal. O passado me comove. Pudera!
Tenho a sensibilidade espocando pelos poros.

Olho o povo que vem. Sacudindo sangue das
[batalhas inglórias.

Limpo de casta. Com o pensamento andorinha.
Braços irmãos ligando tudo. Fazendo pontes sobre
[os oceanos.

Passando por elas os sentimentos bons. Cordial
[amizade.
O passado continua lá dentro. O futuro é olhado
[com alma.
A relíquia não escapará jamais. Fincada nos
[subterrâneos.
É a pátria de Santos Chocano. Pátria amada e
[idolatrada...

O futuro será o passado que ainda virá e será
[passado depois.

A mão para o futuro

Eu olho para o futuro
como quem olha para um fruto em sazão.

Não importa o que vai por aqui.
Nem importa o que vai pelo mundo.

Guerra. Assassinato. Raiva. Massacre.
Chefes que desaparecem. Soldados que mandam.
Governadores esticados no poste de iluminação
[pública.
Condottieres desenterrados. Pintores mandando
[nações.
Países engolidos febrilmente por outros países.
Mapa-múndi que não se pode mais mostrar ao
[aluno.
Revoluções. Baixa de câmbio. E câmbio negro.
O poder do ouro passando de um lado do Atlântico
[para o outro.
Alta de preço. Miséria campeando alto.

Disso tudo há de sair alguma coisa. Forçosamente.

Ele olhará para isso tudo.
Olhará sim. Olhará.

Balada à rosa se despetalando

A rosa se despetalando.
Em fragrância feliz e em silêncio maior.
O sopro da andorinha nas costas do homem.
E o homem olhando o tempo
como quem olha braçadas de facas,
punhais,
canhões.
O sangue a porejar-lhe a vista.
A visão tétrica da luta,
enchendo as cavernas da alma,
ensopando o espírito,
enrijecendo o músculo.
A fera dentro.
A vontade insopitável de escancará-la ao dia.
E a rosa se despetalando,
em atitude harmoniosa,
em gestos de cadência alentadora e franca.

O tempo passando.
A rosa se despetalando.
O sonho vão e horroroso na cabeça do mundo.
A rosa – criança, pássaro, árvore, fruto, e muita
[coisa mais.
Singela e doce.
Mansa e pacífica.
Por que modificar o ritmo da rosa
e de tudo o mais que se assemelha à rosa?

O mundo se abate em sete quedas...

O mundo se abate em sete quedas de
acontecimentos controversos.
Há tumulto e a confusão procura canto
nos redutos da terra.
Tudo para o caminho da desagregação. Fim.
O sangue de Lorca ainda escorre nas veias
[estuantes da Espanha.

E no mundo igual.
Midzenty abala os nervos de todos
com a sua vida de mártir e o seu processo, vergonha
[de um tribunal.
Onde a tua pregação, Neruda?

Onde o teu verbo, Maritain?
Onde ficou tua vontade de paz na terra, Roosevelt?
Gaitan está estendido nas ruas da cidade,
[esperando...

A igreja católica faz a cruzada contra Sartre.
E Sartre vem tirar a roupa do mundo
para que exista a verdade.

Homem, que a tua inteligência bem orientada
e o poder do Alto
se congreguem para que exista a rosa no mundo.

Coleção Resgate

1. Ritmos de inquieta alegria
Violeta Branca

2. Poemas amazônicos
Pereira da Silva

3. Beiradão
Álvaro Maia

4. Czardas
Jonas da Silva

5. Cantos amazônicos
Paulino de Brito

6. Os sonetos das flores
Américo Antony

7. O outro e outros contos
Benjamin Sanches

8. Alameda
Astrid Cabral

9. Poesia freqüentemente
Sebastião Norões

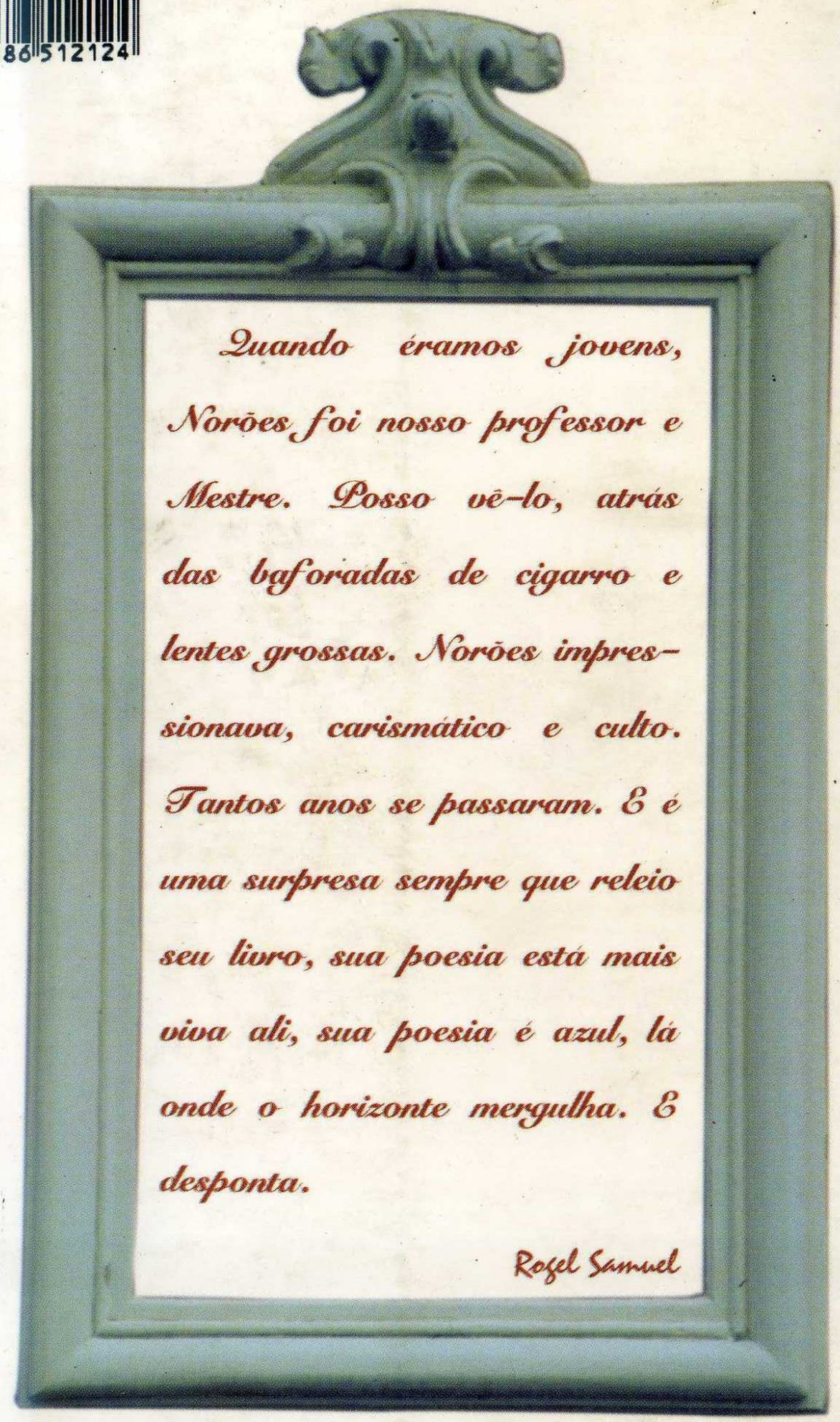
10. Aparição do Clown
L. Ruas

11. Papéis velhos... roídos pela traça do símbolo
Maranhão Sobrinho

12. Pelo Solimões
Quintino Cunha

Impressão e Acabamento
Bartira
Gráfica
(011) 458-0255

ISBN 85-86512-12-5



Quando éramos jovens, Norões foi nosso professor e Mestre. Posso vê-lo, atrás das baforadas de cigarro e lentes grossas. Norões impressionava, carismático e culto. Tantos anos se passaram. E é uma surpresa sempre que releio seu livro, sua poesia está mais viva ali, sua poesia é azul, lá onde o horizonte mergulha. E desponta.

Rozel Samuel

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM